Electa

I

A segunda Epístola de são João Evangelista começa por estas palavras:

> *O PRESBYTERO á senhora electa, e a seus filhos, aos quaes eu amo na verdade, e não sómente eu, mas tambem todos os que tem conhecido a verdade.*

Antes de fazer a Biografia de Electa, parece-nos útil dar alguns pormenores sobre as três Epístolas de são João e sobre o nome de Ancião ou de *Senior* que toma ao escrever a Electa.

II

A primeira carta de são João é uma carta católica, isto é, uma circular dirigida a todos os cristãos de um país e não a uma pessoa em particular. Quais são os cristãos a quem escreve o discípulo bem-amado? A tradição transmitida pelos primeiros Padres da Igreja e aceita por Barônio nos ensina que é aos partos que a carta é dirigida.

III

Primeiro, a suscrição, que ainda se lia no começo da Igreja, não deixa nenhuma dúvida a esse respeito: era assim concebida: *«João aos partos, Joannes ad Parthos.»* Um erro de copista a terá feito cair, e daí a dúvida sobre o destino da carta.

IV

Depois, é preciso saber que, a exemplo dos outros Apóstolos, são João era um missionário infatigável; percorrera o império dos partos, que compreendia então a Pérsia e parte da Ásia Setentrional, talvez até parte da China.

Era, pois, natural que, retirado a Éfeso depois de seu exílio de Patmos, escrevesse a seus filhos, seja que eles mesmos lhe tivessem pedido uma lembrança, seja que a isso fosse levado pelas

circunstâncias, para prevenir-lhes contra as heresias nascentes de Ebião e de Cerinto.

V

A segunda carta é dirigida a Electa, e a terceira a Gaio, de quem falaremos em seu lugar. Ao escrever a Electa, o discípulo bem-amado chama-se o Velho e até o *«Mais Velho»*. Por quê? Porque era muito idoso; porque era o último sobrevivente dos Apóstolos; porque superava em idade todos os bispos da Ásia.

VI

Quem era Electa? Electa era uma grande dama, recomendável entre todas por sua fé, sua caridade, sua fortuna. Ministra de Jesus Cristo em sua família, fazia-o reinar sobre seus filhos e sobre tudo o que a cercava.

Daí o nome que lhe dá o Apóstolo, e que quer dizer escolhida, *«mulher de elite»*; mas seu verdadeiro nome era Drúsia ou Drusiana. Por suas virtudes e liberalidades, era como a mãe da Igreja de Corinto, então em todo o seu esplendor.

VII

Quando são João, de volta de Patmos, fazia sua entrada em Éfeso, encontrou o cortejo de Electa, que se levava à sepultura. Essa cara discípula morrera de dor esperando a volta de seu pai bem-amado.

Além de seus parentes, uma multidão de pobres, viúvas e órfãos a acompanhavam chorando.

VIII

O Apóstolo para, manda depor o caixão e retirar as ataduras que envolviam o corpo; depois, a exemplo e em nome de seu bom Mestre no túmulo de Lázaro, chama Electa, ordena-lhe que se levante, volte para sua casa e lhe prepare de comer. Electa obedece e, como se saísse não dos braços da morte, mas do sono, cumpre as ordens do discípulo bem-amado. Esse milagre, que determinou grande número de conversões, teve lugar em 105, quarto ano do reinado de Trajano.

IX

No fim de sua carta, são João diz: *«Os filhos de tua irmãa electa te saudão.»* Assim as duas irmãs traziam o mesmo nome. Não é raro ver, nas famílias numerosas, vários filhos que trazem o mesmo

nome; assim dois João, dois Pedro, duas Maria, duas Margarida. O hábito de viver com eles impede de confundi-los.

Tal é, pois, o sentido das palavras de são João:

> *Ó Electa, que sois a mãe dos fiéis na Igreja de Corinto, os filhos de vossa irmã, que é como vós, Electa, mulher de elite, na Igreja de Éfeso, de onde vos escrevo, enviam-vos suas saudações.*

X

Essas palavras mostram a polidez, a afabilidade, a caridade do Apóstolo da dileção. Não se contenta em saudar Electa somente em seu nome; envia-lhe as lembranças afetuosas de seus sobrinhos.

Comparai essa fórmula com a que termina as cartas pagãs: vereis que a caridade, a fraternidade, fruto do Cristianismo, estão ausentes de sua correspondência. Em suas cartas como em seus discursos e em seus livros, falta totalmente a unção, e é um defeito capital.

Vê-se que a sociedade pagã era menos uma família que um agregado de individualidades, mantido em corpo pela força ou pelo interesse.

XI

Como diz são Paulo, os pagãos, em geral, não tinham coração: *Sine affectione* (*«sem afeição natural»*). Por um lado, o despotismo no Estado e na família; por outro, a escravidão da mulher, da criança, de três quartos do gênero humano, eram incompatíveis com o espírito de caridade. Sabe-se de que maneira eram tratados os pobres e os doentes; sabe-se ainda que o patriotismo feroz, que nada era senão o egoísmo nacional, formava a base do direito das gentes.

XII

Graças ao Deus feito homem, que se chamou caridade: *Deus charitas est* (*«Deos he caridade»*); que amou o mundo até morrer por ele; que resumiu todas as leis neste preceito: *«Amai-vos uns aos outros»*, que são João não cessava de repetir até em sua extrema velhice. O mundo tornado cristão viveu de caridade. Esse princípio de fecundidade incomparável cobriu a face da terra de maravilhas, criou as mais doces relações e, tanto quanto o permite a prova do tempo, aliviou o fardo da vida.

Permaneçamos fiéis a esse espírito e temamos mais que todas as coisas ouvir dizer de nós: É sem coração. É a censura mais humilhante que nos poderia ser infligida, pois, imagem de Deus, que é caridade, o homem nada é senão pelo coração.[1]

Notas

[1] Ver: Serrarius, *in hunc loc.*; S. Ambr., *in Ps.* 36; Clem. Alexand.; L. Dexter., *Chron.* an. 100; Cor. a Lap., *in II Joan.* 1 e 13, etc.

Revision #1
Created 27 November 2026 01:06:54 by Admin
Updated 27 November 2026 01:06:54 by Admin